

Semana Estado classifica mais quatro

promoção para estudantes de Jornalismo de todo o Brasil dará bolsa em universidade espanhola ao autor da melhor reportagem do ano.

OSÉ LUÍS DA CONCEIÇÃO/AE-21/01/2010

5º Prêmio Santander JOVEM JORNALISTA

SEMANA ESTADO DE JORNALISMO

Latiana Santos, Nathália Prósperi Butti, Lilian Doni-
sete Geraldini e Adriana Gisele de Matos Milani,
alunas da Universidade Estadual Júlio de Mesqui-
ta Filho, Faculdade Cásper Líbero, Isca de Limei-
ra e Universidade São Judas Tadeu, autoras dos
os publicados nesta página são os novos classificados para
nio Santander Jovem Jornalista 2010. Concurso realizado
onjunto com a Semana Estado de Jornalismo e que ofere-
o seu ganhador, uma bolsa de estudos na Faculdade de Co-
icação da Universidade de Navarra, na Espanha. Pela clas-
ação, elas receberão esta semana, no auditório do Estado,
putadores pessoais.

culdades de São Paulo, Alagoas, Rio, Paraná, Rio Grande
ul, Santa Catarina e Minas Gerais participam do programa
ano, inscrevendo cerca de mil alunos para os seminários
quais se debate o desenvolvimento sustentável. Todos po-
participar do prêmio, apresentando reportagens que indi-
os classificados de cada seminário. No próximo mês, uma
seleção, que inclui entrevista com os participantes, indica-
vencedor do 5º Prêmio Santander Jovem Jornalista.



Guaranis. Na aldeia Tenondé Porã, os índios guaranis cultuam suas tradições e transformaram o turismo em fonte de renda

O mundo indígena no extremo sul de S. Paulo

Nathália Butti

A aldeia indígena Tenondé Porã, no extremo sul da cidade de São Paulo, abriga mais de 1.500 índios que vivem em mata virgem, falam guarani, praticam arco e flecha e rezam para Tupã. Há dois anos era difícil saber que eles existiam. Mas o projeto Juruá Jaru Nhanderekoa Re (Turismo e o Universo Guarani) abriu as portas das ocas de tijolos pintados para quem quer entender como os índios se inserem no contexto da cidade grande.

A aldeia, de 26 hectares, fica em uma Área de Proteção Ambiental Municipal (APA) já tombada pela Unesco como reserva da biosfera. Mas os índios vinham enfrentando problemas estruturais. A especialista em turismo Ana Paula Barros, responsável pelo projeto desenvolvido em parceria com a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, explica que o território de proteção foi demarcado, mas a população indígena continuou crescendo e teve sua rotina alterada: "Não há espaço suficiente para plantar ou caçar, o que dificulta preser-

var a cultura; então criamos o projeto para valorizar o povo guarani, difundir o cuidado que eles têm com o meio ambiente e gerar renda para a comunidade, garantindo a sobrevivência da aldeia".

Para viabilizar as mudanças, a equipe do projeto providenciou sinalização turística em guarani e em português nos principais pontos de visitação, instalou lixeiras em locais estratégicos e ofereceu um curso de capacitação aos índios por quatro meses. Eles tiveram aulas de Economia Sustentável com ênfase em Turismo, aprenderam a planejar roteiros de visitação e receberam noções de administração e atendimento ao visitante. As famílias indígenas participaram de oficinas de artesanato, culinária e costura; os organizadores de visitas aprenderam a lidar com burocracias e os índios-monitores fizeram cursos para aprimorar o português e aprender mais sobre cultura dos povos e meio ambiente.

A professora Giselda Jerá, que dá aulas para crianças em uma das escolas da aldeia, acredita

que o projeto resgatou antigos hábitos culturais: "As crianças ajudaram na confecção de roupas típicas que já não eram tão usadas, o que abriu o diálogo com os mais velhos sobre as antigas tradições, e também voltamos a fazer cestos em taquara, uma técnica que estava quase perdida - até na alimentação fizemos esse resgate; muita gente participa do preparo dos pratos típicos que são vendidos aos turistas", relata.

Antes de um plano bem estruturado de turismo sustentável, cerca cinco grupos visitavam a aldeia por mês. Hoje, o número triplicou, informa o cacique Ataide Vilharve, de 24 anos. Ele reconhece os desafios e a necessidade de implantação do projeto: "Ainda há resistência dos mais velhos à visitação, mas a aldeia precisa preservar sua cultura e se capacitar para sobreviver no mundo juruá (não-indígena) de maneira independente. E isso tem sido conseguido".

Na aldeia, ninguém lucra individualmente, o dinheiro arrecadado com as visitas é usado para melhorias do espaço coletivo. Desde que o projeto começou, o cacique diz que os lucros aumentaram em 45%.

*
NATHÁLIA PRÓSPERI BUTTI É ALUNA DA FACULDADE CÁSPER LÍBERO.